

COLÉGIO BOM JESUS: UM DIÁLOGO SOBRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO A PARTIR DO “LIVRO DE PRATA”

Gersey Aparecida Rodrigues Santos
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: Este artigo busca traçar, a partir da obra *Livro de prata*, do professor Antônio Barbosa (1977), um diálogo sobre memória e patrimônio, a fim de pensar a recuperação da memória histórica educacional do Colégio Bom Jesus, localizado na cidade de Bom Jesus da Lapa – BA. Para tal, tecemos leituras e análises com as obras de Deleuze e Guattari (1995), Kastrup e Barros (2015) e Rolnik (1989) para embasar a pesquisa cartográfica; Pierre Nora (1993) com o conceito de lugares de memória; Mulayert et. al. (2014) com as narrativas; Vernant (1990), Souza (2007) e Elizeu C. Souza (2007) tecendo sobre memória; com as perspectivas e conceitos sobre patrimônio trouxemos o Guia de Educação Patrimonial do IPHAN e Sodré (2002); fazendo assim um encontro maior com a obra aqui analisada – *Livro de Prata*.

Palavras-Chaves: Colégio Bom Jesus. Memória. Patrimônio.

1. AGULHA, LINHA E CARRETEL: A COSTURA CARTOGRÁFICA

Ao pensar em construir uma pesquisa que traga um método fora do convencional, percebo as dificuldades em debater outros formatos ainda incipientes na academia, principalmente quando se trata do campo da Pedagogia. Existe nos padrões tradicionais acad micos um sistema maquínico, fechado e linear de pesquisas que castra a dança da vida. Tornando as linhas sem curvas, em uma estrutura dependente das possibilidades, necessitando em constâncias, limitadas e previsíveis. Diante disso, desconsidera outras potências das forças que se movem a uma intensidade de energia múltipla, criativa e produtiva, em que não visa condicionar a uma ordem cronológica entre a chegada e partida, mas ao processo filosófico dos movimentos dos encontros, logo, me delicio ao beber da cartografia.

Nesse aspecto, questiono o sedentarismo universitário ao fazer um diálogo costurado a partir de uma metodologia cartográfica no qual co-crio um diálogo com o professor Antônio Barbosa a partir da sua narrativa em *O Livro de Prata*, para provocar uma inquieta o acerca

da memória educacional do Colégio Bom Jesus enquanto patrimônio da cidade de Bom Jesus da Lapa, interior do oeste da Bahia.¹ Para isso, o método cartográfico precisa ser compreendido enquanto seus contornos.

O recurso utilizado na geografia para tratar de cartas geográficas, detalhamento e descrições de mapas, entende-se como Cartografia, pensada como “ciência que analisa a representação plana dos aspectos naturais e artificiais de uma área, tendo em conta a superfície de um planeta, que se subdivide em linhas menores (paralelas e meridianas)”, noção apresentada pelo dicionário.²

Essas linhas transformam-se em curvas, tornando-se paisagens cartografáveis, como sugere Rolnik (1989). Desenhos que movimentam a transformação, acompanhando e desmanchando os mundos preestabelecidos em “sua perda de sentido - e a formação de outros”. Nessa perspectiva, um cartógrafo antropófago devora os elementos que lhe aparecem, ficando atento às linguagens encontradas pelo caminho.

Nesse mesmo sentido, em *Um Corpo de Cartógrafo*, as autoras Araújo e Liberman (2015) entendem a cartografia enquanto um método que compreende a potência de conhecer, a própria potência da vida. Nesse caso, não serão as referências teóricas necessariamente que irão compor as linhas da pesquisa, mas outros operadores que surgirão, podendo ser “tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia” (ROLNIK, 1989). Por esse viés, ao pensar a vidência dos encontros, um corpo irá desestabilizar o outro, dando um novo significado e criando um novo corpo, que a cartografia vem para desterritorializar e reterritorializar em suas multiplicidades.

No entanto, antes de perceber meu corpo cartógrafo, me percebo como um corpo marcado, territorializado, forçado a permanecer em um ponto de vista Uno e consumado por um sistema sádico capitalista, estruturado pela hegemonia patriarcal e racista. Faço empréstimo do pensar foucaultiano, ao pactuar que a disciplinarização dos corpos acontece com o intuito de adestrar os sujeitos através de mecanismos de poder, delimitando ao outro o que deve ou não ser feito. Compõe, dessa forma, uma rede em que o poder e a disciplina se fortalecem reforçados em espaços arquitetônicos, por exemplo, como a instituição escolar. Ainda que tenha sido evidenciado o controle dos corpos pelo sistema escolar, o intuito deste emaranhado de ideias é

¹ A cidade de Bom Jesus da Lapa integra o Território Velho Chico, território de identidade do governo do estado da Bahia.

² DICIO: Dicionário online de português. Disponível em: < [Cartografias - Dicio, Dicionário Online de Português](#) > Acessado em: 10/04/2021.

outro, no caso criar um espaço de diálogo para se pensar o espaço arquitetônico escolar enquanto patrimônio para a memória local. Nesse aspecto, sem minimizar as outras configurações, deixo esse debate para desenrolar posteriormente.

Agora, situo-me pelas marcas encontradas no caminho e vibro com Deleuze (1973), ao pensar que “(...) um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, as intensidades que o percorrem. (...)”. Assim o EU já não tem mais importância, não sou mais eu mesma. O método me auxilia em seus dispositivos ao promover encontros que “ajudam, aspiram e multiplicam”, criando novas ramificações de resistência em um território a ser explorado pelos sentidos e sensibilidades que nos dão movimento.

Dialogando com Deleuze e Guattari, as autoras Kastrup e Barros (2015, p.57) complementam o intuito do método em “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”. A pesquisa está em processualidade. E o que seria a processualidade no espaço acadêmico corrompido pelas normas que submetem as pessoas a uma tendência? Como romper com esse enquadramento instaurado pela universidade?

Tratar dessas inquietações é preciso apresentar a distinção dos dois sentidos da palavra processo enquanto a ideia de processamento e de processualidade. Para melhor compreensão, Kastrup e Barros (2015, p. 58) distinguem os conceitos da seguinte forma, o processamento como uma noção que

[...] evoca a concepção de conhecimento pautada na teoria da informação. Nesta perspectiva, a pesquisa é entendida e praticada como coleta e análise de informações. Os *inputs* devem ser processados a partir de regras lógicas, que são, em última análise, as regras do método. A cognição científica surge aí como um conjunto de competências e habilidades, que configuram a lógica da pesquisa.

Já a ideia de processualidade se faz,

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há na maioria das vezes, um processo em curso. [...] Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual (KASTRUP E BARROS, 2015, p. 58-59)

Nesse sentido, o território espesso opõe-se com o meio informacional raso. Seguindo a linha de raciocínio, a lógica de processamento nasce da ciência moderna, fragmentando as etapas da pesquisa em coleta, análise e discussão dos dados ao separar toda caminhada e seus movimentos. Já a pesquisa cartográfica faz o contrário, uma vez que constitui os passos em momentos contínuos e sem separação. Desse modo, “o objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos” (KASTRUP e BARROS, 2015, p.59). Costura-se a coleta, a análise e a discussão junto a própria escrita do texto.

São quatro anos de leitura e admiração pela discussão de patrimônio edificado, pela concepção de memória, pela luta da preservação e reconstituição da educação patrimonial, sendo esse o principal motivo que fez essa ideia de pesquisa formigar em meu corpo. A participação, desde 2015, do Grupo de Pesquisa “Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa”, coordenado na época pelas professoras Napoliana Pereira Santana e Ádma Bernardino Magalhães, ferveu a emoção por cartografar na medida que me cabia a edificação da memória de um colégio em que havia estudado e não existe mais: o Colégio Bom Jesus.

Devido a longa jornada que o professor Antônio Barbosa caminhou para alcançar o seu objetivo de transformação da educação lapense sendo concretizado pela criação do Ginásio, no ano de 1952. O fruto do seu sonho possibilitou que várias famílias que não tinham a possibilidade de acesso em outras escolas, matriculassem seus filhos, ofertando ensino de qualidade. Ainda que não tenha dado continuidade pela dificuldade encontrada pelos entraves políticos locais e as disputas traçadas por perseguição contra sua história. É a partir disso que se dá o clivo para minha caminhada.

2. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DO COLÉGIO BOM JESUS

*A memória se enraíza no concreto,
no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (Nora, 1993).*

A memória, antes de qualquer outro ponto, foi interpretada como dádiva dada aos poetas. Acreditava-se na Grécia Antiga que a poesia seria uma exaltação mística do ato de

transformar os acontecimentos em declamações. Os admiradores da deusa Mnemosyne³, eram agraciados com a propensão de transitar pelos dois mundos, o passado e o presente, no qual o estado de frenesi *permítia a presença direta no passado*, em que mesmo iluminados com as bênçãos das Musas era necessário a preparação para a aprendizagem do *seu estado de vidência*, nessa ideia de organização temporal e do conhecimento, logo *a memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos, em seu tempo. A organização temporal da sua narrativa não faz senão reproduzir a série dos acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que sucedem a partir da sua origem*, segundo o historiador francês Vernant (1990, p.138-139).

Ao estabelecer um diálogo com Vernant, compreende-se que a memória repete de forma singular os fatos. Devido à capacidade que temos de reter e evocar as experiências, no qual permite-se a consciência de passagem do tempo conferindo ao indivíduo ou ao coletivo (DANTAS, 2009). Desse modo, ainda passeando pelos mitos da Grécia Antiga, temos o bastão da sabedoria talhado em loureiro (*skeptron*), dado como presente a deusa Mnemosyne, teria a funcionalidade de revelar a verdade, o que foi e o que será (VERNANT, 1990, p.141 *apud* DANTAS, 2009, p.15). Dessa forma concedendo *o poder de voltar às origens e à essência* por meio da narrativa, tornando o sentido divino da imortalidade um aspecto importante nas trajetórias, assim percebendo que só se lembra o que é memorável.

Costurando a questão apresentada acima com a concepção trazida por Mulayert et. al. (2014, p.194) percebemos que “a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. (...) Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção do coletivo.” Logo, o ato de recordar conduz o sujeito a uma viagem ao seu passado, são suas lembranças individuais e coletivas reconstruídas através do seu presente. São as relações, os lugares, as imagens que auxiliam recompor todo caminho. A memória é o mapa da narrativa.

Nessa perspectiva, desenhando suas interpretações por meio das experiências, individuais e coletivas, ao fazer das fontes orais e escritas, uma técnica de fundamental importância nas pesquisas de cunho qualitativas, no qual possibilitam a reconstrução da história

³ A Titanide filha da deusa Gaia e do deus Urano (CARAZZAI; WERTHEIN, 2000, p. 10), irmã de Cronos, tida como a protetora das Artes e da História, do que ressalta a sua íntima relação com o patrimônio cultural: não é à toa que na Mitologia Grega é considerada a mãe das Musas. (DANTAS, 2009, p.15).

de vida dos sujeitos. É uma forma de reconstituir fatos que às vezes adormecidos, surgem nas lembranças durante as falas, ou na escrita. Logo, é necessário pontuar que a memória além dos sujeitos, se dá também pelos espaços de convívio. Como um cinema, um teatro, um restaurante, uma praça, são locais de encontros, são espaços onde as relações atravessam, é onde aconteceu o primeiro beijo, viu o filme favorito, conheceu o melhor amigo, são locais no qual existem lembranças. Para Nora (1993, p. 8) “[...] o movimento que nos transporta é da mesma natureza que aquele que o representa para nós.” Assim, o autor vem trazer o conceito de “Lugares de Memória”, (re)afirmando a importância do patrimônio cultural na preservação da memória.

Seguindo essa linha de pensamento e a noção inicial da palavra patrimônio, em primeiro plano, associa-se à noção do sagrado em que reporta a herança de família, a memória individual; em um segundo momento, quando à ideia do patrimônio está interligada a um grupo social, o patrimônio comum, remete-se, então, a memória do coletivo. Nesse aspecto, é determinante na construção da identidade e a preservação da sua carga histórica e valor cultural.

O ser humano é um ser cultural que transcende e transforma o mundo a sua volta. A cultura é, portanto, para Clifford Geertz (2012, p.9), “pública porque o significado o é”, ou seja, são construções simbólicas, seus significados compreendem-se em uma esfera compartilhada. Partindo desse exposto, a cultura torna-se uma ação coletiva, logo, é uma construção de conhecimentos de um determinado grupo, assim, pode-se dizer que o patrimônio também é uma produção de conhecimentos dinâmica, dependente do contexto e da dimensão simbólica que lhe é atribuída pelos grupos onde estão inseridos.

Sendo princípio expresso na Constituição Federal de 1988, o artigo 216, conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. (BRASIL, 1988).

Para Santos, (2001, p. 43-44)

O patrimônio foi deixado de ser simplesmente herdado para ser estudado, discutido, compartilhado e até reivindicado. Ultrapassam-se a monumentalidade, a excepcionalidade e mesmo a materialidade como parâmetros de proteção, para abranger o vernacular, o cotidiano, a materialidade, porém, sem abrir mão de continuar contemplando a preservação dos objetos de artes e monumentos eleitos ao longo de tantos anos de trabalho como merecedores da especial proteção.

É nessa perspectiva o debate sobre a educação patrimonial perpassa em sua história a responsabilidade de uma determinada época, respectiva a sua sociedade, ao valor estético, cultural e simbólico, assim este artigo propõe uma incursão sobre os aspectos que envolvam a reconstituição da memória do antigo Colégio Bom Jesus, que visa dialogar a respeito da preservação e proteção do patrimônio educacional, seja ele material ou não. Dessa forma, sabe-se que a permanência do estado da edificação, caso não seja restaurada, será “condenada” com o tempo, nesse sentido, com o intuito de preservar e valorizar os “lugares de memória” em seus espaços é que em 1937 cria-se o IPHAN juntamente com o Ministério da Cultura, visando proteger e promover os bens culturais do país, assegurando a permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

Em um país que a memória patrimonial se desfaz pendurada por vestígios, “Como buscar um diálogo sobre memória e patrimônio a partir do ‘livro de prata’?” Busco traçar um pouco da trajetória de Antônio Barbosa para construção do Ginásio Bom Jesus, bebendo dos critérios pré-estabelecidos dos institutos, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e do Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, a fim de visibilizar e reconhecer sua trajetória enquanto patrimônio da cidade de Bom Jesus da Lapa.

3. ANTÔNIO BARBOSA E O LIVRO DE PRATA

[...] e, lá mesmo, usando um bloco comum, redige, à mão, um pedido ao Governador Otávio Mangabeira: um ginásio para Bom Jesus da Lapa. (Antônio Barbosa, 1977)

Existe algo nas terras banhadas pelo Rio São Francisco que é inalcançável de por em palavras. A cidade de Bom Jesus da Lapa, localizada no oeste baiano, tem poesia em cada ponto geográfico. A Lapa pariu artistas, assim como o saudoso Zeca Bahia⁴, que entoaram e entoam suas expressões artísticas pelo Brasil. É também afetiva pelo cheiro de rio enquanto se come uma moqueca de peixe na Barrinha;⁵ acaricia os olhares no Mercado Municipal,⁶ com suas

⁴ José Ramos Santos (1950 – 2018), filho de Bom Jesus da Lapa, o cantor e compositor Zeca Bahia ficou conhecido junto à Clodo Ferreira pela composição de “Porto Solidão” interpretada pelo cantor Jessé.

⁵ Comunidade quilombola de Bom Jesus da Lapa que se encontra em processo de reconhecimento. Localizada às margens do Rio São Francisco, ao lado oposto da cidade, separado pela ponte, Barrinha é um ponto de encontro em dias muito quentes, lotando os restaurantes com a variedades de moquecas de peixes e bebidas, com vistas para o rio.

⁶ O Mercado Municipal Dona Firmina é popularmente conhecido como feira local, homenageando Dona Firmina, feirante que atuou muito tempo no local. O espaço foi reinaugurado em 2018, para melhor assegurar as condições de trabalho dos feirantes e consumidores.

cores e as múltiplas histórias sobre a semana em um sábado pela manhã; e as Romarias⁷ – em particular a da Terra e das Águas – que se movimentam em um grande terreiro⁸ de lutas.

Foi na Bom Jesus da Lapa de 1977, que pela primeira vez foi publicada o *Livro de Prata*, escrito pelo Professor Antônio Barbosa sobre a história da fundação e trajetória do Colégio Bom Jesus. Ao ler o livro – datilografado - é possível submergir em cada palavra do autor para um cenário em que as disputas políticas foram tramadas sob os dias quentes no interior baiano. Barbosa (1977), com cuidado, traz situações polêmicas e ao nos conduzir para a narrativa do sonho de um menino que vendia doces para sua mãe e que se transformou em realidade.

Para nos familiarizarmos com o autor Antônio Barbosa e a história do Colégio Bom Jesus, faremos uma breve linha do tempo a partir do *Livro de Prata* ao dividir em subtópicos: Antes do Colégio Bom Jesus: o sonho do menino Antônio; 1952: A campanha pelo Ginásio e a luta pela permanência.

3.1. Antes do Colégio Bom Jesus: o sonho do menino Antônio

Antônio Barbosa nasceu numa segunda-feira 17 de janeiro de 1927. [...]

É possuidor de Diploma de ‘Curso de Educação Moderna’, realizado no Instituto de Cultura Hispânica, da Universidade de Madri, Espanha, onde fez também um Curso de Estudos Brasileiros, este, na ‘Casa Brasil’;

Possui Registro e Certificado de Cursos de Português, de História e de Secretário de Colégio, conferidos pelo Ministério da Educação e cultura;

Há 50 anos dedicado ao Ensino e à Educação, o Professor Antônio Barbosa, fundou, em 1952, (...) o Colégio ‘BOM JESUS’, Pioneiro da Educação Lapense (...) (BARBOSA, 1996, p.27).

Em 1977, aos 25 anos do Colégio Bom Jesus, Antônio Barbosa escreveu e publicou um livro com suas memórias narrando a trajetória que o fez consagrar seu sonho em realidade: levar um ginásio para sua terra natal. Os anseios de um jovem que almejava o “progresso” para a cidade de Bom Jesus da Lapa podem ser entendidos como sentimento de pertencimento, assim,

⁷ Em Bom Jesus da Lapa, o turismo religioso é provedor da economia local. É mundialmente conhecida pelas suas Romarias, principalmente a do Bom Jesus. Acontece durante o ano em cerca de quatro romarias: a Romaria da Terra e das Águas, no mês de julho; a Romaria do Bom Jesus, em agosto; a Romaria de Nossa Senhora da Soledade, em setembro; e a de Nossa Senhora Aparecida, em outubro. Disponível em: [Santuário do Bom Jesus da Lapa \(santuariobomjesusdalapa.com\)](http://santuariobomjesusdalapa.com). Acesso em: 10 de Abril de 2021.

⁸ Pensar Terreiro como um grande território pelo espaço físico e como espaço de vida- luta-resistência.

“(…) como um dado necessário à formação da identidade grupal/ individual, ao reconhecimento de si por outros. (...)” (SODRÉ, 2002, p.15). No entanto, Barbosa (1977) se indignavam com o cenário de tragédias e atrasos consequentes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Diante desse contexto tenebroso, compartilhou conosco a angústia e fúria que o tomaram durante esse período.

Eu pertencia a uma geração de jovens sacrificados em seu ideal de maior prosperidade. Nasci quando ainda se comentavam os horrores da primeira grande guerra mundial, a de 1914, e minha juventude estava pagando um preço muito elevado, pela circunstância de viver o drama de 1939 a 1945 e suas consequências negativas, em que pesa o surto do progresso que o último conflito trouxe ao mundo, principalmente no campo da tecnologia. [...] nós, desta Região, vivíamos marginalizados (BARBOSA, 1977, p.35).

Por se tratar de uma cidade do interior tecida pelos corpos negros e indígenas, Barbosa (1977) denota um pensamento, em que o aspecto de marginalização da região de Bom Jesus da Lapa, que podemos levantar junto a um diálogo com Sodré (2002), no qual a configura o ideológica constituída no território brasileiro nesse processo de territorializa o perpassa pelo racismo a segrega o dos espaços e corpos. Dessa forma, Sodré (2002, p.41-42) nos diz que

(...) o próprio homem negro (...) já havia sido excluído, por ocasião do Pacto Social implicado no Movimento da Independência, a composi o de classes que constituiria, na visão do Estado, o controle da na o brasileira - recebia conota es negativas de parte do corpo social.

Por colocar a liberdade corporal no centro de todo processo comunicativo, a cultura negra choca-se com o comportamento burguês-europeu, que impõe o distanciamento entre os corpos. A intensifica o de um império normativo dessa ordem, correspondente ao aumento do poder das aparências européias no espaço urbano brasileiro (...)

(...) na distribui o das terras no interior do território (...) impõe-se, por lógica inerente ao processo produtivo adotado, a segrega o territorial (...)

Evidenciando a lógica de separa o para além dos corpos, do território, mas do acesso da capital enquanto centro urbano, do interior do estado. Com isso, a falta de investimentos em uma política que beneficiasse a popula o local era justificada pelos gestores públicos com base na localiza o geográfica da cidade em rela o a capital que dificultava o acesso as novas tecnologias chegadas ao Brasil. A indigna o de Barbosa foi tomada pela pulsão do seu corpo por transforma es.

De fato, impulsionado pelo desejo de luta, Antônio Barbosa narra que durante uma comitiva do governador  t vio Mangabeira em que visitavam o Santuário do Bom Jesus, ainda

menino, tocou para a recepção do mesmo e que viu nesse momento a oportunidade de fazer um pedido, assim correu para a sacristia da Gruta do Bom Jesus da Lapa para poder escrever em um pedaço de papel a sua maior ambição: “[...] e, lá mesmo, usando um bloco comum, redige, à mão, um pedido [...] um ginásio para Bom Jesus da Lapa (BARBOSA, 1977, p.35). Antes de terminar o escrito, a comitiva do Governador já tinha saído do local. No entanto, a volta de um dos membros do grupo devido a algum pertence esquecido na Gruta, fez com que a comitiva atrasasse. Dessa forma, saiu a procura do Governador encontrando-o e entregando o bilhete.

Larguei de tudo e saí correndo rua abaixo, na esperança de encontrar ainda, estacionado, o grupo do Governador. Mal avistei o aglomerado de pessoas, meti-me pelo meio do povo, e só me detive diante do velho Mangabeira. [...] Meti a mão no bolso e [...] entreguei o papel ao Governador. [...] com [...] seu largo sorriso [...] colocou a mão em meu ombro e, paternalmente, disse bem alto, para que todos ouvissem: ‘Olhe, meu filho, a Lapa terá não apenas um ginásio, mas também, um bom hotel, um hotel para muitos apartamentos’. [...] Fiquei com aquelas palavras na cabeça, azucrinando minhas idéias (BARBOSA, 1977, p.36).

A esperança tomada pelo menino Antônio foi se desfazendo ao se passar o tempo e não ter visto nenhuma das promessas do Governador sendo efetuada. Ainda com a sensação de ter se iludido com as falas do político, a coragem para concretizar seus sonhos foi sendo construída. Anos mais tarde, no Rio de Janeiro, continuou seus estudos levando consigo o sonho do ginásial. Nesse percurso, sua vida o encaminhou para um encontro com um grupo de rapazes egressos do seminário que fundaram a Associação do Ex-Seminarista Brasileiro, apesar de não ser seminarista, ficava radiante com a possibilidade de realizar seu sonho, pois a associação tinha planos para incluir a criação de ginásios e escolas pelo Brasil.

Ao interesse duvidoso da Associação pode ter sido dada pelo fervor da década de 30 a 50 em que a educação passou de uma pauta não discutida à um ponto crucial para o desenvolvimento do país, dado pelo Presidente Vargas (1882-1954), em sua transição do primeiro governo desenvolvimentista para o segundo com viés, nacionalista.

(...) o ideário nacionalista adotado pelo governo Vargas estava associado ao ideário desenvolvimentista, de “emancipação econômica”, onde o objetivo seria levar o Brasil ao grupo das potências mundiais como um país industrializado. Havia, também, a esperança de que, após a Segunda Guerra, o Brasil ocupasse uma posição de destaque na América do Sul, como uma potência regional (...). (MEDEIROS, 2020, p.835).

Em meio ao turbilhão do movimento político, Antônio Barbosa entre um tempo e outro, realizava por etapas a preparação para a construção do ginásio. Deixou registrado em seu livro, a ideia para a Festa do Livro, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura, a primeira Praça do Livro que foi inaugurada em Bom Jesus da Lapa, encampou a campanha para reorganização da Biblioteca Municipal, assim cada passo dado era um mais próximo para realização do seu sonho. (BARBOSA, 1977, p.36-40).

Disputas políticas foram desenhadas em toda trajetória de vida de Antônio Barbosa, perseguições e golpes para com que desistisse de alcançar seu objetivo de transformar a sociedade lapense. Um homem negro e educador era afronta para a branquitude coronelista da cidade. Questionavam como um menino que vendia doces, com os calças curtas, para a mãe Dona Milu tinha adquirido cultura para fundar um ginásio e querer ensinar, colocando a prova a inteligência e capacidade de Antônio Barbosa de gerir a educação que se propunha. Não satisfeitos, essas “forças ocultas e poderosas” continuaram atacando. Posturas que não se faziam distante das estratégias territoriais que os colonos executaram ao chegar no Brasil. A separação do espaço físico, para a análise dessa história, é destacada pelo lugar de preto e lugar de branco e lugar de pobre e lugar de rico pode-se dar margem a discussão ao ler a passagem que Barbosa (1977, p.31) narra que, em 1894, foi promulgada pelo Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva que se deveria construir um colégio para atender a educação dos “meninos pobres” da cidade do Bom Jesus. No entanto, esse critério foi posto de lado apenas obedecendo uma segunda parte do contrato, [...] foi cumprida a cláusula segunda daquele contrato, não se concretizando plenamente a que se referia à manutenção de um estabelecimento para a educação de meninos pobres [...].

A sociedade branca-coronelista-patriarcal de Bom Jesus da Lapa não queria seus filhos no mesmo lugar que as pessoas por eles marginalizadas. Para o pesadelo deles, Antônio Barbosa se fez resistência para construção do Ginásio.

3.2. A Campanha pelo Ginásio e a Luta pela sua permanência

Em 1952, após retornar de uma viagem feita ao Rio de Janeiro, Antônio Barbosa (1977) conseguiu o apoio da Associação do Ex-Seminarista que se prontificou a serem responsáveis pela parte jurídica que o Ministério da Educação exigia para o reconhecimento. A grande questão agora era a busca por um espaço físico que fizesse a instalação do Ginásio.

Comprometeu-se inclusive, a mantê-lo, o que, por certo, seria, naquela época, um dos fatores mais importantes. Mesmo assim, fazia-se a propaganda para a abertura do Ginásio até o fim daquele ano, porém, faltava o mais necessário, isto é, o prédio para instalação do mesmo, lançar a pedra fundamental do futuro prédio do Ginásio. Onde iria, então, funcionar o Ginásio? (BARBOSA, 1977, p.40).

A campanha iniciou com distribuição de panfletos e propaganda em carro de som rodando pela cidade. Na mesma época, um personagem de um jovem, no qual chamarei de Magalhães, teve coincidentemente a ideia de iniciar uma campanha para abertura de um ginásio, este com intuito de fazer com que Barbosa (1977) desistisse da sua atuação que de forma egoísta e incompreensiva, como coloca o professor (p.40). No entanto, não durou muito o plano de Magalhães, logo desistiu e retornou para o Rio de Janeiro.

Com todo encaminhamento para vinda do Ginásio, a escolha para direção foi o nome do Professor Josino Pereira Dias, “moço de inegáveis dotes de inteligência e bastante preparado, ex-seminarista de Diamantina, Minas Gerais” (BARBOSA, 1977, p.41). Admirado por Barbosa por saber Português, Latim, Matemática, História, Geografia, Francês e Inglês, “a pessoa mais indicada, na época, para desempenhar aquela (...) tarefa” (BARBOSA, 1977, p.41). Desse modo, a luta pelo espaço iniciou. A primeira opção foi apresentada pelo sargento da FAB, Miguel Teixeira Pimenta, um prédio que funcionava o “Hotel dos Viajantes”, de Dona Marieta Pimenta, no entanto, algumas dificuldades foram encontradas; a segunda opção encontrada foi o antigo chalet do Coronel Osório da Rocha Porto, “(...) ocupando o Ginásio apenas o pavimento de cima e o sopé da escada de madeira, que seria, ao mesmo tempo, com seus quatro metros quadrados, Portaria, Secretaria e Sala de Professores.” (BARBOSA, 1977, p.41).

Os trabalhos iniciaram com a chegada do Professor Josino e de Alberto Ribeiro, reunindo-se no Paço Municipal, na Praça do Livro, traçando o objetivo para o educandário. A dona do sobrado, no qual funcionaria o ginásio, Dona Patu, como era conhecida, ficou alocada nos fundos do espaço. Assim começaram os trabalhos com as divisões do local, atendendo a exigência de não modificar nada em sua estrutura.

[...] uma das exigências que nos foram feitas foi, naturalmente, não modificarmos nada do prédio, exceto, pintar, na parte posterior do mesmo, do lado do Rio, o nome Ginásio “Bom Jesus”, que, por coincidência, ainda está como naquele tempo, e, no interior, os nomes das salas de aulas, pequenos e acanhados quartos de dormir, de proporções ínfimas, isto é, dois ou três metros de cada lado. [...] compramos tinta azul clara e pintamos as salas [...] e demos, por cima, um duplo barrado, um mais fino e outro mais lardo, de azulão. Escrevemos, com tinta preta, os nomes dos patronos das ‘salas’ de aulas. A sala maior, de janelas para a rua Conselheiro Luís Viana (Pé do Morro) e para o beco, recebeu o nome de Castro Alves. As outras duas, foram batizadas com

os nomes de Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro [...] Um estreito corredor, com uma sala foi logo designado com o pomposo nome de Dom Macedo Costa (BARBOSA, 1977, p.41).

Delineou o simples sobrado para uma nova possibilidade de estrutura educacional, Barbosa junto à Josino e outros que acreditavam no Ginásio se incumbiram do projeto dar certo, assim, contrataram o carpinteiro Herculano para confecção das carteiras e mesas.

[...] as carteiras dos alunos eram iguais às que a Secretaria da Educação do Estado mandava para as escolas primárias do interior; e as mesas dos professores simples tampos de madeira com quatro pernas trôpegas, todas pintadas de preto, recobertas de pedaços de plástico de péssima qualidade, de quadros azul e branco, como tabuleiro de dama ou de gamão. [...] o Ginásio não possuía sanitários e estávamos terminantemente proibidos de usar o do prédio. [...] não devíamos permitir que os alunos fizessem barulho lá em cima. (BARBOSA, 1977, p.42)

Um dos principais problemas encontrado posteriormente foi a contratação de professores para lecionar no Ginásio. Encontrando apoio em um senhor chamado Sérvulo Santos que foi suporte naquele momento para os “primeiros meses de provação e dificuldades.” A Associação mencionada em seus escritos não mostrou mais interesse pelo Ginásio deixando Barbosa sem amparo, outras pessoas foram se desligando para evitar que problemas que fossem aparecer prejudicam-se. Assim, Antônio Barbosa se viu mais uma vez na aflição de constituir seu projeto.

Ainda com toda iniciativa para derrubar a gestação do Ginásio, Antônio Barbosa conseguiu efetivar sua fundação no dia 25 de dezembro do ano de 1952, contando com participações dos “municípios vizinhos e circunvizinhos” que curiosos com a notícia do “Educandário” em Bom Jesus da Lapa foram todos ver. Em contrapartida, a animação das pessoas não duraram muito, talvez porque de fato não estavam animadas com a notícia. Como pontua Barbosa (1977, p.43):

Num ensolarado domingo de dezembro de 1952, Dia de Natal, após a missa das nove horas, com as bênçãos da Igreja, oficiados pelo incansável amido da Lapa, Monsenhor Turíbio Vilanova Segura, entregamos ao povo de nossa terra seu primeiro ginásio. Além de Monsenhor Turíbio, falaram o senhor Sérvulo Santos, Dr. Josefino Moreira de Castro, o sargento Moysés Alves Guimarães, Josino Dias e eu. Devo dizer, aqui agora, para o bem da verdade, que não foi muito animadora a impressão que a maioria das pessoas nos deu naquela hora. Lia-se no rosto de alguns presentes certa decepção e incredulidade. Isso não se escapou a minha capacidade de observação. Notava-se mesmo existir qualquer mistério em torno daquilo. (BARBOSA, 1977, p.43).

Mais adiante evidencia em um diálogo de duas senhoras não moradas de Bom Jesus da Lapa, tecendo uma conversa nociva e preconceituosa em torno do espaço físico do Ginásio. Antônio Barbosa que estava perto escutou os cochichos que questionavam a instalação, acreditando que fosse maior do que estavam vendo.

Pelo menos, duas das senhoras presentes, [...] não eram daqui da Cidade [...] depois de percorrer as acanhadas dependências do Ginásio, ao descerem a escada, comentaram, baixinho, e eu vinha atrás e ouvi: ‘É isto que eles chamam de Ginásio? Pensei que fosse outra coisa! Pensei que fosse um prédio grande, bem instalado’. ‘Eu também’ [...] (BARBOSA, 1977, p.43).

Nesse mesmo episódio outras pessoas se dirigiram a dona do sobrado para comentar sobre a ‘loucura’ que estava acontecendo em seu espaço, alimentando uma situação que não existia em que os olhares, depois, de Dona Patu se transformaram para julgamentos e rotulação enquanto ‘usurpadores’. O Colégio continuou ali até o ano de 1953. Nas férias de março de 1954, com as discordâncias apontadas por Dona Patu, o Ginásio não continuaria mais ali, novamente inicia a luta pela continuação do Colégio Bom Jesus, não se sabia ao certo onde iria fixar.

Diante de todo esforço para procurar um espaço físico para o Colégio, a fim de que apenas dessa forma viria o reconhecimento oficial enquanto Educandário, Antônio Barbosa articulou seus contatos em busca de encontrar um lugar.

Durante o ano de 1954, Antônio Barbosa conseguiu um novo espaço.

[...] Existia na Avenida Duque de Caxias, antiga Rua Santa Cruz, uma casa grande, que pertencia a uma herdeira de seu antigo dono, senhor Antônio Leão. Nessa casa, residia, com uma pensãozinha, um senhor nosso conhecido, fiscal da Limpeza Pública, senhor João Soares, também conhecido por João Agulhão. [...] (BARBOSA, 1977, p.53).

Depois de entrar em contato com todas as pessoas necessárias para a instalação do Colégio na nova casa, o inspetor do MEC surgiu com um Ofício para verificar se o local estaria apropriado para ser um ginásio. Assim, começaram as reformas para a readaptação para o Ginásio.

O Ginásio foi aberto em março, no entanto aparentemente sem nenhuma documentação do Governo enquanto resposta, ainda assim encontrava diante das dificuldades apresentadas, forças para continuar. Em abril de 1954, receberam um telegrama autorizando proceder com os “exames de admissão ao Curso Ginasial” (p.57). Assim o Colégio Bom Jesus começava a abrir

suas portas para o ingresso de alunos. Era apenas uma linha de outras mais que viriam para desconcertar as buscas almeçadas pelo Professor Antônio Barbosa.

4. CONHECER PARA PRESERVAR

Este artigo entrelaça algumas questões que ainda engatinha para uma jornada maior. As questões elencadas pela história narrada pelo Professor Antônio Barbosa no “Livro de Prata” dialogam sobre a memória e o patrimônio da educação da cidade de Bom Jesus da Lapa, no qual apresenta outras configurações durante a narrativa. O *Livro de Prata* pode ser descrito como um livro de memórias, tanto da cidade de Bom Jesus da Lapa, do Colégio Bom Jesus quanto do próprio Antônio Barbosa, pois ali está suas angústias e glórias acerca do seu traçado enquanto um jovem sonhador ao Professor que se tornou Fundador do primeiro Ginásio, de homens e mulheres, em Bom Jesus da Lapa.

Atualmente, a cidade de Bom Jesus da Lapa vem sofrendo ataques ao seu patrimônio. As edificações que foram lugares para histórias marcantes, hoje se encontram ora em ruínas ora não existem mais. A falta de uma política de preservação das edificações e da sua ressignificação aponta para uma cidade que perde sua memória, um dia aparentemente vai haver uma geração que não saberá sobre o Colégio Bom Jesus, talvez aconteça também de não se reconhecerem no Território Velho Chico. Nesse caso, importante que se coloque em questão a relevância de levantar e ampliar o debate da educação patrimonial em escolas também para que esse pertencimento se faça presente nas encruzilhadas entre memória e patrimônio, dessa multiplicidade de saberes.

REFERÊNCIAS

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. Universidade Federal de Ouro Preto. 2004.

AZEVEDO, Renan Gama. **A responsabilidade civil do estado na conservação do patrimônio cultural edificado particular**. Universidade Federal de Ouro Preto. 2004.

BARBOSA, Antônio. **Bom Jesus da Lapa: antes de Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio e depois de Monsenhor Turíbio**. Rio de Janeiro: Jotanesi. 1995.

BARBOSA, Antônio. **Livro de prata**. 1977.

BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. Editora Vozes, 2007.

BARROS, Laura Pozzana de. KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Virgínia. (orgs) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.(p.52-75)

BARROS, Regina Benevides de. KASTRUPE, Virgínia. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Virgínia. (orgs) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. (p.76-91)

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia uma forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, 2003, 16(2), pp. 221-236 © 2003, CIED - Universidade do Minho.

DELEUZE, Gilles., GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS)

ESTRELA, Ely. KUSTNER, Rocío Castro. (orgs). **Cultura, memória e região**. Salvador: EDUNEB, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, ed. LTC, 2012.

GUIA BÁSICO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf Acesso em:13/12/2018 às 16h00min.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da Pós-modernidade**. Rio de janeiro: DP&A Editora, 2006

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Manual de aplicação do inventário nacional de referências culturais**. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. **Era Vargas: a Educação como Instrumento Político**. Rev. Mult. Psic. V.14, N. 50 p. 835-853, Maio/2020 - ISSN 1981-1179. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JR., Gallo, P. R.; ROLIM NETO, M. L., & REIS, A. O. A. (2014). **Entrevista narrativa: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Revista da Escola de Enfermagem, 48(Esp2), 193-199.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury São Paulo, 1993.

NOTÍCIAS DA LAPA. **Novo mercado de Bom Jesus da Lapa**. Disponível em: [Novo mercado de Bom Jesus da Lapa será inaugurado nesta sexta-feira; estrutura está 100% concluída, de acordo com o município | Notícias da Lapa \(bomjesusdalapanoticias.com.br\)](http://bomjesusdalapanoticias.com.br). Acesso em: 10/04/2021 às 15h00min.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. PARAÍSO, Marlycy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. Pro-Posições | v. 23, n. 3 (69) | p. 159-178 | set./dez. 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade. 1989.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Novas freteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. Guia Cultural do Estado de São Paulo**. Fundação Seade e Secretaria da Cultura do Estado. 2001. p.43-48

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago ED.; Salvador, Ba; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Memória e Oralidade: entre o individual e o social**. **^iPUBora em História** – Departamento de História/UFRR, v. 1, n. 12 (2007).

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e formação de professores**. Organizadores: Antônio Dias Nascimento, Tânia Maria Hetkowski. Salvador: EDUFBA, 2007 (p.59-74).

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Trad. Costança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1992.

_____. **Psykhé: duplo do corpo ou reflexo do divino?** In: _____. Entre Mito e Política. 2º ed. Trad. Cíntia Muracho. São Paulo Edusp, 2002.

WIKIPÉDIA. **Zeca Bahia**. Disponível em: [Zeca Bahia – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeca_Bahia) Acesso em: 10/04/2021 às 17h20min.

Sobre a autora:

Gerssy Aparecida Rodrigues Santos

Licencianda em Pedagogia, UNEB, DCHT XVII – Brasil;

E-mail: gerssyrodrigues@gmail.com